SALA DE ESTUDO MULTINÍVEL NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: UMA ANÁLISE DA FORMAÇÃO CONTÍNUA DE PROFESSORES

Fábio Fedrigo Camelo[1] (UEG)
Alcides Hermes Thereza Júnior[2](UEG)

GT3 – FORMAÇÃO DE PROFESSORES

RESUMO
As práticas pedagógicas referentes ao ensino da língua inglesa em salas multiníveis é ainda um grande desafio na formação de professores. Em contraponto ao cenário da educação do século 19 e 20, onde a cultura tradicional considerava o professor como eixo de toda transmissão do ensino (monopolizador) e o aluno como uma tábua rasa totalmente reativo e coadjuvante ao seu ensino, o atual cenário vem apresentar alunos mais questionadores e protagonistas: indivíduos heterogêneos, que possuem características diferentes entre si (MORAES; GARDEL, 2009). Nesta perspectiva, o trabalho apresentará os conceitos de sala multinível e terá como proposta investigar as dificuldades da aplicação do método de ensino pelos professores de salas multiniveladas. Este trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, pois busca investigar seus participantes em seu próprio local de atuação. A coleta de dados foi realizada com professores de diferentes escolas que trabalham com esta metodologia. Para isto, um questionário foi aplicado, na busca de levantar as opiniões de professores (in) experientes a respeito de sua atuação em salas multiníveis. Além disso, os questionários buscaram as opiniões dos participantes acerca das facilidades e/ou dificuldades de ministrar aulas de língua inglesa em uma sala com alunos de níveis heterogêneos e também da relevância do treinamento pré-serviço dentro da metodologia de ensino multinível. Os participantes da pesquisa foram um grupo de 10 professores instrutores que ministram aulas de inglês em turmas convencionais de níveis básico, intermediário e avançado e em turmas multiníveis. A coleta dos dados foi feita, também, por meio de entrevistas semiestruturadas que seguiram o mesmo roteiro dos questionários.

Palavras-chave: Formação contínua de professores. Língua Inglesa. Sala multinível.

1 Graduado em Direito pelo Centro Universitário Alves Faria e Especialização em Docência Universitária. Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Inhumas, email: fabiofedrigo@hotmail.com
2Graduado em Letras pela Universidade de Uberaba e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Uberlândia, email: teacheralcides@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho dará enfoque no ensino multinível, uma proposta com diferentes abordagens e práticas educacionais na formação contínua de professores. Neste viés, a questão problematizadora é apontar as principais dificuldades e os impactos encontrados pelos professores na quebra do paradigma de uma sala nivelada para uma multinível, bem como apresentar a relevância do treinamento pré-serviço dentro da metodologia de ensino multinível.

Iniciamos a pesquisa compartilhando nossas ideias com alguns teóricos que abordam o assunto escolhido. Na primeira seção, falaremos brevemente sobre o que vem a ser o estudo multinível e alguns conceitos basilares, como *ESL (English as a Second Language*) e o confronto desse formato de sala de aula para com estudo nivelado ou heterogêneo.Posteriormente, faremos a análise do perfil da pesquisa, do método e materiais utilizados.

Na terceira seção, discorreremos sobre um ponto de maior relevância, que vem a ser a apresentação e análise das principais dificuldades dos professores na implementação desse formato de aula, os resultados encontrados e as discussões, levando em consideração o questionário respondido.E, por fim, será feita uma breve conclusão com base em tudo o que foi exposto ao longo deste trabalho.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1. O ESTUDO MULTINÍVEL EM SALAS ESL – *ENGLISH AS A SECOND LANGUAGE*

Primeiramente, cumpre esclarecer, antes da exposição da pesquisa de campo, alguns conceitos basilares que permitirão uma melhor compreensão do artigo, a começar pela explanação do que vem a ser *ESL (English as a Second Language).*

O formato de sala ESL, em Português, Inglês como Segunda Língua (ou idioma), é basicamente um sistema que permite alunos não proficientes em língua inglesa, conhecidos

como aprendizes de língua inglesa, a adquirirem certa proficiência linguística nas habilidades de fala e escrita (OVANDO; COMBS, 2018, p. 4).

Este formato de sala, partindo do ponto de vista do aprendiz de inglês, valida um ambiente cheio de adversidades (acesso à novas tecnologias, novas perspectivas do que é aprender e ensinar, interação oral entre colegas, desenvolvimento da autonomia, dentre outras) e possibilidades de errar, onde aprender uma segunda língua se torna um desafio constante frente à sua língua materna.Em contrapartida, centros de idiomas nem sempre garantem o alcance de todas as habilidades que os alunos desejam ter. Por vezes, dificuldades particulares são negligenciadas ou até mesmo omitidas por falta de tempo.

Como forma de superar as adversidades do processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa em salas de aulas tradicionais, diga-se escolas convencionais de ensino fundamental e médio, e também em cursos de idiomas, que utilizam o formato de salas niveladas, houve a necessidade de criação de um espaço que atendesse as necessidades específicas dos alunos.

Tendo isto como princípio e na perspectiva de implementação e auxílio na manutenção da gestão financeira de programas ESL em cursos livres de Língua Inglesa, alguns programas educacionais privados ganham destaque, tendo em vista a consequência da pobre contribuição literária (e prática docente) brasileira sobre temas inovadores na prática de ensino de inglês, como por exemplo, a formatação de novos modelos de ensino. Como se sabe, o modelo tradicional de ensino muitas vezes barra novos conceitos e perspectivas inovadoras na prática docente, como por exemplo, a autonomia do aluno em sala de aula (CANDY, 1989; CRABBE, 1993, apud MORAES; CARDEL).

Cumpre frisar que curso livre "é, no contexto da legislação brasileira, todo curso que não é regido por lei específica. São exemplos os cursos de dança, […] idiomas […] Aqui nos referimos ao curso livre de idiomas (SOBRAL; MARTINS, 2014, p. 13)".

Levando então em consideração o conceito de ESL e a falta de políticas públicas que incentivam a formatação de novas metodologias verticalizadas em prol do ensino de língua inglesa na educação regular é que novos cursos livres surgem destinados à inovação e produção

literária acerca de formatação de aula, por exemplo. Neste sentido, escolas começam a conceber novos métodos distintos, como é o caso das salas de estudo multinível, um novo conceito de educação que vem, nos últimos anos, ganhando espaço na cultura brasileira de cursos livres de língua inglesa.

Para Bell et. al. (1984; 1991; 1992, apud SHANK; TERRIL, 1995), professores costumam utilizar o termo multinível para "identificar qualquer grupo de alunos que se diferem entre si em um ou mais aspectos significantes[3]".

O que se pode perceber numa sala multinível, então, é a grande variedade de graus de competência no que tange a proficiência de língua inglesa. Não obstante, utilizando-se ainda do referencial das autoras acima citadas, a sala multinível, diferentemente de uma sala heterogênea, ocorre principalmente por limitação financeira das escolas, pelas dificuldades de horários dos alunos, pelo número de alunos existentes ou pela logística adotada pela própria escola[4].

Já para Roberts (2007, grifo do autor), respondendo à pergunta "*What makes an ESL classroom "multilevel?*" (O que faz uma sala de aula ESL multinível?), aponta que:

> **A formação acadêmica do aluno em sua primeira língua.** Aluno chega em uma sala de aula ESL com diferentes níveis de escolaridade. Alguns alunos tiveram pouca ou nenhuma educação. […]
> **O conforto do aluno com o alfabeto romano.** […]
> **As expectativas culturais de cada aluno têm em relação ao papel do professor.**[…] Muitos países, ainda conduzem aulas que são 100% diretas ao professor, (ou seja, os alunos sentam e ouvem enquanto o professor instrui). Os alunos com esse tipo de formação educacional podem não sentir confortáveis em participar de uma sala de aula ESL comunicativa. Os alunos podem até pensar que o professor é "ruim" por exigir que eles façam perguntas, participem de jogos e atividades em sala de aula, que trabalhem com parceiros ou em pequenos grupos ou para que eles mesmos possam corrigir suas tarefas.
> **A personalidade do aluno.** A personalidade individual de um aluno é outro fator que afeta a instrução. A personalidade desempenha um grande papel na

[3] […] identify any group of learners who differ from one another in one or more significant ways.
[4] Some programs (generally because of funding constraints, learner scheduling difficulties, number of learners, and program logistics) place learners of all levels, from beginning to advanced, in a single class.

> disponibilidade de um aluno participar das atividades, correr riscos usando o inglês e fazer parte da comunidade da sala de aula.
> **Os objetivos do aluno** […] Quanto mais específica a(s) meta(s) do aluno, mais motivado é esse aluno para frequentas às aulas […]
> **A idade do aluno** […]
> **O estilo de aprendizado do aluno**. Um professor deve estar ciente de três estilos de aprendizagem – áudio, visual e tátil – e garantir que as instruções e atividades da sala de aula acomodem esses diferentes estilos de aprendizagem. […]

Agasalhado por essas ponderações é que se consegue perceber que a sala multinível nada mais é que uma sala com alunos de diferentes graus de proficiência em língua inglesa, com diferentes materiais didáticos, compartilhando seus conhecimentos/dificuldades, de forma a construir uma sinergia de compartilhamento onde o aluno, ao mesmo tempo, ensina e aprende. E neste sentido, importante agora singularizar este formato de aula com outras vertentes, que por sua vez, podem ocasionar estranhamento.

1.2. CONSIDERAÇÕES DO FORMATO MULTINÍVEL *VERSUS* NIVELADO OU HETEROGÊNEO

Para Ashok Raj Kahti (2010), uma sala heterogênea é aquela que tem diferentes tipos de alunos inseridos num mesmo local, diferentemente de uma sala homogênea, onde os alunos são similares. Assim, nas salas niveladas existem muitos alunos com as "mesmas" habilidades e nas salas multiníveis alunos de diferentes níveis, cujas diferenças de formação acadêmica, idade, atitude frente a língua, sua língua materna, experiências no aprendizado e orientação motivacional, por exemplo, ganham espaço em sua concepção.

Atualmente, o formato de salas de aula, em cursos livres ou não, utiliza-se ainda da educação nivelada, um modelo tradicional de ensino cujo alunos são considerados, em termos de proficiência linguística de habilidades, homogêneos. Entretanto, esta percepção é equivocada, levando em conta, além dos pontos já descritos por Roberts acima, de que:

> […] Indiscutivelmente, todas as salas são multiníveis porque aos alunos começam com diferentes graus de competência e, em seguida, progridem em ritmos diferentes em cada uma das habilidades linguísticas: audição, fala, leitura e escrita (SHANK; TERRIL, 1995).[5]

E neste sentido, o formato de aula nivelado, apesar de alocar alunos com supostas habilidades linguísticas homogêneas, não se difere tanto, em termos de competência do alunado, do formato de aula multinível, que por sua vez "[…] aloca alunos de todos os níveis do básico ao avançado, em uma única sala[6] (SHANK; TERRIL, 1995)" para facilitar as dificuldades diárias.

Desse modo e na perspectiva de entender o manejo deste formato de sala e suas dificuldades de implementação é que se fez necessário buscar na prática, professores que atuem na área. Para isto, foi-se usado o questionário que segue.

2. PERFIL DA PESQUISA, MÉTODO E MATERIAIS UTILIZADOS

Tendo por base que a prática da reflexão e da pesquisa são elementos essenciais na vida daqueles que vivem em prol da produção do conhecimento e que "a pesquisa deve estar entranhada na vida do professor e do aluno, possibilitando a descoberta e a criação" (DEMO, apud CARVALHO, 2010, p.3 apud LÔBO; THEREZA JÚNIOR, 2014, p. 247) é que será necessário expor o caminho, os métodos e os materiais pelos quais utilizamos na pesquisa.

Para o desenvolvimento da pesquisa utilizou-se o método estatístico, bem como a pesquisa bibliográfica que, por se tratar de uma abordagem específica dos centros de línguas, possui ainda pouca pesquisa. Ainda assim, trabalhou em conjunto com a modalidade de pesquisa de campo que levantou, através de um questionário semiestruturado, os principais pontos deste formato de ensino para posteriores análises.

[5]Arguably, every class is multilevel because learners begin with varying degrees of competence and then progress at different rates in each of the language skills: listening, speaking, reading, and writing.
[6][…] place learners of all levels from beginning to advanced, in a single class.

Para o questionário, 10 (dez) professores que ministram aulas no formato multinível foram interrogados acerca das maiores dificuldades encontradas na ministração de suas aulas, levando em consideração o plano de fundo: estudo tradicional *versus* estudo personalizado, bem como o questionamento das dificuldades de implementação dessas salas niveladas no atual cenário educacional e o *background* de resistência de alunos ao novo modelo.

O instrumento de coleta de dados (questionário) foi construído por 03 questões fechadas e 04 questões abertas, que exigia dos participantes respostas discursivas.

Para isto, aplicamos o questionário aos professores em seu próprio local de atuação. Alguns responderam manualmente, outros com gravação de áudio e outros com pesquisa semiestruturada via preenchimento *online* da pesquisa. E na posse destas informações, conseguiu-se levantar algumas dificuldades em comum na ministração das aulas de língua inglesa em uma sala com alunos de níveis heterogêneos e também da relevância do treinamento pré-serviço dentro da metodologia de ensino multinível.

3. PESQUISA DE CAMPO: ANÁLISE DE DADOS, RESULTADOS E DISCUSSÃO DA PRÁTICA DOCENTE

Levando em consideração a primeira pergunta quanto o tempo de atuação como professor, os entrevistados, em sua maioria, apontaram possuir mais de 3 (três) anos atuando frente salas de estudo multinível.

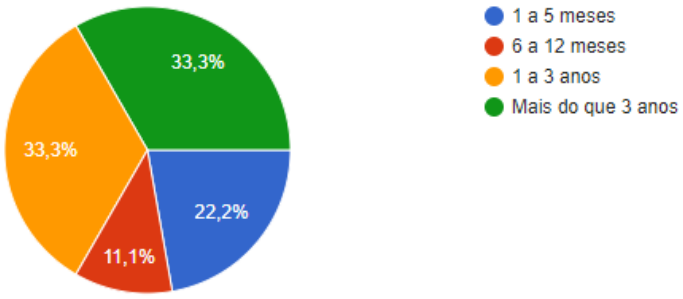

Tabela 1 – Por quanto tempo como professor de sala multinível?

Numa análise superficial, quão maior a quantidade de tempo de atuação de um professor no formato multinível, mais objetivos ficam seus planejamentos e uma atuação mais eficaz frente o alunado. E cruzando as informações da primeira pergunta aberta sobre as dificuldades na ministração de aulas multiníveis, detectamos como pontos nevrálgicos no manejo deste formato de aula: **o gerenciamento de tempo, a adaptação de atividades para interação de todos os níveis** (citação abaixo indicada), **o interesse do aluno em ser também construtor de seu conhecimento e a dificuldade na quebra do paradigma de estudo nivelado, imposta pela fossilização do aluno ao modelo tradicional de ensino**.

Corroborando neste sentido:

> […] as dificuldades ocorrem muitas vezes pela conciliação entre os níveis iniciais e avançados, os níveis iniciais requerem mais silêncio e aula expositiva, já os níveis avançados precisam de um ambiente de maior conversação e interação. Conciliar um conteúdo que seja interessante para níveis avançados e ao mesmo tempo que os iniciais consigam acompanhar nos *warm ups* e *closings* apresenta dificuldade. […] (M.A.P)

Por conseguinte, convergindo o segundo questionamento objetivo com a segunda pergunta aberta, isto é, sobre a influência do treinamento presencial realizado antes do início das atividades em sala de aula, detectamos que, **independentemente da quantidade de horas presenciais de treinamento, os entrevistados**, em sua maioria, **consideraram aptos a ministrar a aula no formato multinível**, bem como levantaram a importância da prática no treinamento presencial. Entretanto, outras considerações foram levadas em conta, principalmente no que tange o pós-treino. Considerações de que "[…] foi mesmo na prática docente, com bastante dedicação e até mesmo reflexão sobre minhas aulas que consegui me adaptar (M.D)" demonstram conceitos do que Tardif (2000) já apresentava sobre saberes da experiência.

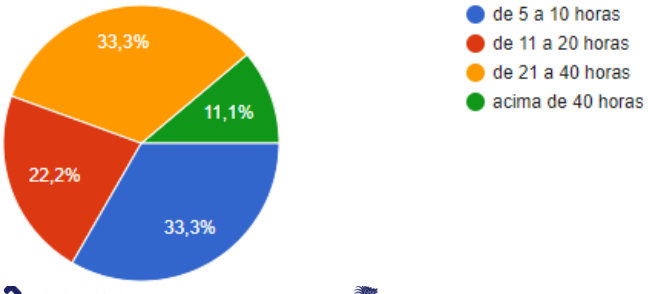

Tabela 2 – Quantas horas de treinamento presencial você realizou antes de iniciar suas atividades em sala de aula multinível?

Já na convergência do terceiro questionamento fechado com a terceira pergunta aberta, isto é, sobre a influência do treinamento à distância realizado antes do início das atividades em sala de aula, detectamos que, metade considerou apto a ministrar as aulas, 3/4 não considerou apto e 1/4 considerou relativamente apto, tendo em vista que a prática foi mais importante. Por aqui percebe-se que, para a maioria dos entrevistados, o treinamento prático foi mais assertivo.

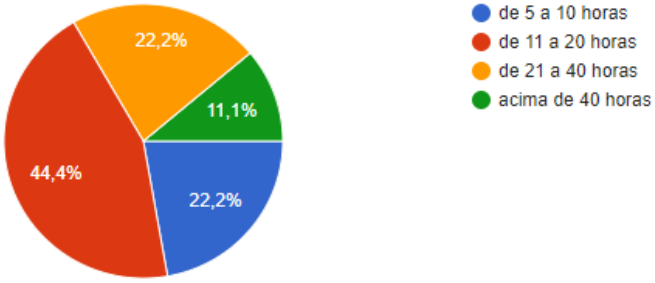

Tabela 3 – Q realizou antes de iniciar suas atividades em sala de aula?

Por fim, os entrevistados foram interrogados sobre o grau de conforto que teriam estudando inglês em uma sala de aula multinível. Todos os entrevistados, direta ou indiretamente, a curto ou a longo prazo, disseram que sim, principalmente por que o formato de aula valida a oportunidade de interagir com pessoas de diferentesníveis, facilita o desenvolvimento das habilidades com um menor contato com o ego humano (que por sua vez, o modelo tradicionalista proporciona), e possibilita o desenvolvimento da autonomia[7] através do ritmo individual e personalizado de sua aula.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

[7] Para Holec (1981, apud Paiva, 2005, apud Moraes e Gardel, 2009) autonomia "é a habilidade de responsabilizar-se pela própria aprendizagem".

A utilização do formato multinível no ensino de inglês em cursos livres é uma realidade, assim como espaço que vem angariando. E neste viés, problematizar a prática docente, levando em consideração as pontuações teóricas realizadas, é de uma importância ímpar em prol da criação de literatura brasileira sobre o assunto, que ainda é exígua.

Considerando a análise dos dados sobre os problemas recorrentes neste formato de aula, observou-se que o modelo tradicional de educação, ora reconhecido como "nivelado" ou "heterogêneo" (aspas para seus significados), fossiliza o alunado a pensar o multinível como uma proposta falha de ensino, o que na verdade não é. Ora:

> Ensinar alunos adultos de ESL em salas multiníveis é um desafio que requer grande habilidade e sensibilidade. Os professores devem ter um planejamento que reflete o conhecimento das diferentes habilidades linguísticas dos alunos, cultura, formação educacional, expectativas de sala de aula e estilos de aprendizagem preferidos de seus alunos para então ajudar estes alunos aprender inglês como segunda língua como parceiros em sua própria educação. Através do uso de estratégias de agrupamento versáteis e materiais de auto acesso, os professores podem gerenciar uma sala de ESL multinível onde todos os alunos terão sucesso[8] (SHANK; TERRIL, 1995).

Além disso, percebeu-se que o treinamento presencial com os professores surtiu grande efeito em sua prática docente, demonstrando uma forte tendência dos saberes da experiência no manejo desse formato de aula.

Finalmente, de forma a orientar, sugerir ou recomendar o lidar com o formato multinível na formação de professores, é na prática docente e análise das próprias aulas (autorreflexão e *feedback* de superiores) que estes docentes, bons no manejo de turmas niveladas, conseguirão manter excelência também em suas turmas multiníveis, que por certo requererão muito esforço e dedicação para aprender o novo, que muitas vezes, por inexperiência ou falta de conhecimento, é reconhecido como errado e/ou ineficaz.

[8] Teaching multilevel adult ESL learners is a challenge that requires great skill and sensitivity. Teachers whose planning reflects knowledge of their learners' different language abilities, culture, educational background, classroom expectations, and preferred learning styles can help adults learning English as a second language to be partners in their own education. Through use of versatile grouping strategies and self-access materials, teachers can manage a multilevel adult ESL class where all learners will experience success.

5. REFERÊNCIAS

KHATI, A. R. **Exploring Common Expectations from Students in Large Multilevel Secondary Level English Classes**. Disponível em: <https://www.nepjol.info/index.php/NELTA/article/view/4614/3825>. Acesso em: 30 mar. 2018.

LOBO, P. M. M.; THEREZA JUNIOR, A. H. O docente universitário e a prática pedagógica no ensino de língua portuguesa. In: **Docência Universitária 2**: Práticas interdisciplinares no ensino superior. Anapólis: Universidade Estadual de Goiás, 2014.

MENDES, O. M. Avaliação Formativa no Ensino Superior: reflexões e alternativas possíveis. In: VEIGA, I. P. A; NAVES, M. L. P. (orgs). **Currículo e avaliação na educação superior**. Araraquara – SP: Junqueira & Marin, 2005.

MORAES, C. A. L. B.; GARDEL, P. S. **A construção da autonomia na sala de aula de língua estrangeira**. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=14741@1>. Acesso em: 15 maio 2018.

OVANDO, J. C.; COMBS, M. C. **Bilingual and English as a Second Language classrooms**: Teaching in Multicultural Contexts. 6. ed. Lanham, Maryland: Rowman & Littefield. p. 4.

ROBERTS, M. **Teaching in Multilevel Classroom**. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/41693459/multilevel_monograph.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1522455043&Signature=qEZJbHjHP1ruPT8fAGxfYTapEB8%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DTeaching_in_the_Multilevel_Classroom.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2018.

SHANK, C.; TERRIL, L. **Teaching multilevel adult ESL classes.**Disponível em: <http://www.cal.org/caela/esl_resources/digests/SHANK.html>. Acesso em: 22 maio 2018.

SOBRAL, A. U.; MARTINS, M. W. S. P. A construção identitária de professores de inglês em cursos livres. In: **Revista Leia Escola**. Campina Grande: Sobral, 2014, v. 14, n. 1.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. Disponível em: <http://www.joinville.udesc.br/portal/professores/jurema/materiais/RBDE13_05_MAURICE_TARDIF.pdf>. Acesso em: 25 maio 2018.